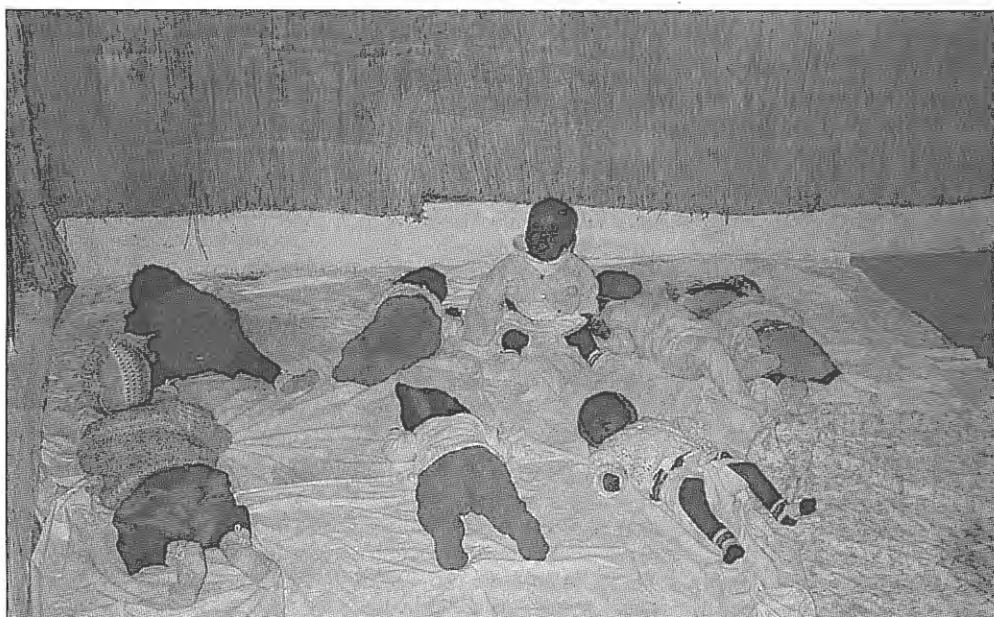




Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

21 de Setembro de 2002 • Ano LIX — N.º 1527
Preço: € 0,30 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Quantos dos filhos da rua nascem da falta de um lar condigno?!

BENGUELA

Problema da habitação ligado a outros

QUANDO vivemos no meio dos Pobres, somos empurrados por eles. É em vão que resistimos, se queremos estar tranquilos. Pai Américo tinha uma expressão que lhe era muito querida: «Sou um impelido pelo Espírito». Por isso o seu caminhar era seguro. Quando os Pobres são verdadeiramente pobres empurram-nos também, quebram a nossa resistência e deitam por terra as nossas desculpas. Temos que lhes dar a mão.

Estou a lembrar-me das pobres mulheres que, durante alguns dias, nos batem à porta, em busca da cobertura para as suas casinhas de adobes, tão precárias como a sua vida. Somos aliviados sempre que levamos alívio a quem nos pede.

Quem nos dera ver uma habitação mais sólida e mais digna! Alegria-me, contudo, sentir a preocupação das famílias em melhorar as suas casas com material definitivo. É um sinal de elevação humana. Ajudar estas pessoas é experimentar a alegria da subida de mãos dadas. Pena é que os materiais de construção sejam tão caros para as possibilidades da maioria! Contudo, o fermento está lançado no meio da massa. Há-de ser possível, com a paz, recuperar o tempo perdido.

Continua na página 3

PRATICANDO O BEM

Histórias incríveis

FOMOS notícia com «histórias incríveis» por meio de alguma comunicação social.

Ficamos a olhar para os homens cheios de pena!... São na verdade «como ovelhas sem pastor».

Três miúdos que, pela quarta vez, em quatro dias, fogem da Casa do Gaiato são notícia de grande destaque ocupando a primeira página de um diário e rodapé em noticiários de dois dias, de uma estação de T.V. Que pena a falta de notícias!

Temos de informar os senhores jornalistas e directores de órgãos de informação de que nas Casas do Gaiato há sempre novidades, para porem em evidência de forma que os seus produtos sejam mais vendáveis!...

Não que haja uma campanha organi-

zada para denegrirem o nome da Casa do Gaiato. Não. A gente sabe que, hoje, não há jornalistas que não sejam sérios! A gente sabe. Hoje é tudo deontologia(?)!...

Fui eu, numa AX com dez anos, após meio dia de trabalho, até ao Planalto Mirandês, a Mogadouro com o António e dali a Vimioso.

Era a situação de três rapazinhos cujo pai abandonara a casa deixando a mãe com sete filhos menores.

Ver e analisar para responder, é prática comum há muitos anos.

Os relatórios por mais competentes, nunca ilustram tão bem como a presença, o diálogo, a visão e o testemunho ambiental.

Os pequenos ficaram no ar.

Quiseram logo vir connosco.

Não era esse o nosso propósito.

A pobre mãe, uma mulher digna, andava aflita com os rapazes. Sobre tudo com o do meio. A rebeldia, o vandalismo e a sensibilidade à insegurança do pequeno, criaram na Vila, sobretudo nos vizinhos, uma certa marginalidade aos menores, e, a ela.

As despesas da casa, com renda, água, gás, luz e a alimentação, obrigaram-na a trabalhar o dia inteiro. Os filhos ficavam em casa ao deus-dará. Nas férias as faltas agravaram-se.

Que os viria trazer de táxi.

A gente gela diante destas propostas dos Pobres a quem a vida carrega tão duramente!

Resolvemos então trazê-los.

A mãe fez e assinou uma declaração de entrega dos filhos à Casa do Gaiato.

Metemo-los no carrito, no meio de grande entusiasmo e partimos tranquilos.

Os três irmãos eram uma algazarra, de riso, de conversa esfuziante a incitar-me à velocidade; pareciam sonhar com a felicidade encontrada.

Continua na página 4

Notas do Tempo

VÃO lá cinquenta e oito anos. O GAIATO saíra a primeira vez em 5 de Março de 1944. Certamente alguns dias depois, eu li num Vespertino de Lisboa uma pequenina notícia que dava conta deste jornalzinho que aparecia como a voz da Obra do Padre Américo; notícia que o redactor concluiu com o seu voto de muitas prosperidades para o novo colega na Imprensa.

Como me caíram os olhos sobre ela?! Porque me despertou a notícia um tal desejo de conhecer o dito jornalzinho que me levou a procurá-lo e a descobri-lo na Casa do Ardina, então na Calçada da Glória, onde o adquiri desde o número um, até que me fiz assinante?! É admirável este servir-Se Deus de coisas tão singelas para mudar vidas! Nunca aquele redactor imaginou (nem eu, então...) o impacto que a sua pequenina notícia ia ter na minha! Não sei quem era (Deus o sabe) nem se ainda andará por cá (Deus o tenha conSigo). Mas fiquei-lhe grato para sempre por aquela boa notícia; e por ele me nasceu um respeito afectuoso aos jornalistas, que têm em suas mãos tamanho potencial de bem.

Só uma vez eu ouvira falar do Padre Américo. Nem sabia que tinha uma Obra instituída.

O GAIATO ia ser a minha escola. Por ele se iria fazendo a luz que permitiu determinar-me. Um jornal, o compêndio. Um Jornalista, o mestre e guia para uma vida nova.

UM Jornalista, sim — Pai Américo foi-o veementemente. O quotidiano era o lugar onde sempre procurava os seus temas: A vida que pulsa com altos e baixos em cada homem. Onde não houver tensão não há vida. Mas as tensões têm de ser equilibradas; há que equilibrá-las para haver saúde, tanto nos indivíduos como nas sociedades. Ele sabia-o bem. Por isso não se detinha nos extremos: não denunciava os males por gosto masoquista, mas para sugerir caminhos e motivar a remédios que repõem o bem. Ele acreditava num resíduo de bondade mesmo nos homens tidos por piores — e era essa bondade que procurava libertar no íntimo de cada homem como quem extrai metais e pedras preciosas das profundezas da terra. A Verdade e a Justiça na Caridade, que tinha como fundamentos para a felicidade de cada homem, eram-no igualmente para um relacionamento pacífico entre os homens, em ordem a um Mundo

Continua na página 4

CALVÁRIO

Descer

A preocupação quase instintiva da maioria dos homens neste mundo é subir.

Para uns esta ascensão consiste na valorização da sua pessoa — é ser mais.

Para outros a subida realiza-se na aquisição de influência, de posição social, de bens materiais — é ter mais.

Como a maioria dos mortais também fiz uma escalada na vida. Fui aprendendo, acabei os estudos e cheguei ao sacerdócio. Socialmente subi, se bem que nunca tenha dado conta disso: cheguei ao sacerdócio simplesmente para servir o Evangelho. Mas a vida fez-me dar uma grande cambalhota e cair no meio de pobres, de iletrados, de doentes, alguns severamente incapacitados. E o serviço que estes me vão pedindo é alimentar, vestir, dar banho, cuidar e acompanhar — descer sempre ao nível dos mais fracos para os ajudar a não caírem de vez na miséria, na rejeição, no desânimo.

Cristo esteve e está ao lado do Pai Celeste. Ninguém esteve tão alto. Mas também ninguém desceu tanto como Ele, quando veio ao nosso mundo ao encontro dos homens e se ajoelhou junto dos Apóstolos para lhes lavar os pés e ser condenado à morte na cruz. Os caminhos do amor são sempre de esquecimento de si próprio para que os outros sejam. Por isso mesmo no amor o mais importante é saber descer.

Hoje raros querem descer: pôr-se ao serviço dos outros. Acontece que alguns desejam até subir quando se colocam ao serviço do seu semelhante. Ir até ao fundo neste serviço, esquecendo-se de si, é a meta que Cristo aponta com o Seu exemplo. Para se subir é preciso descer primeiro. Este é o paradoxo do Evangelho. Mas a linguagem que Nele se apresenta parece ser de um outro mundo e dificilmente é entendida pelos homens deste século. O pano de fundo da linguagem evangélica é muito diferente daquele em que se desenrola o nosso viver.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

QUEM SOMOS NÓS? — Quando visitamos os Pobres, se o não fizermos com espírito de humildade sentida e convicta, o nosso orgulho manifestar-se-á sem que mesmo nos apercebamos disso. Não devemos tomar ares de senhor que condescende em baixar o seu trono, nem de justo que suporta os defeitos do pecador; consideremo-nos como um irmão, colocado pela Providência em situação mais próspera, que sente que seu irmão não possa partilhar dela, e procura auxiliá-lo e consolá-lo.

Entremos dentro de nós mesmos antes de entrarmos na casa do Pobre, e interroguemo-nos: Quem somos? Que fizemos para merecer a nossa posição, riquezas e honras? Que fizemos para evitar as desgraças e faltas que deploramos no próximo? Qual o nobre emprego que demos à nossa inteligência, riqueza e poder? Em que lutas triunfou a nossa virtude? Quais os sacrifícios feitos por aqueles a quem acusamos? Que exemplos demos àqueles que pretendemos emendar? Qual o merecimento por não cairmos em faltas de que nem sequer somos tentados? — Se nos interrogarmos no silêncio das paixões acalmadas e respondermos com toda a sinceridade de consciência, qual de nós se atreverá a erguer a mão para atirar a pedra do desdém e da indignação sobre esses miseráveis

que Deus colocou tão baixo para dar azo de os levantarmos! Quem estará tão deslumbrado pela felicidade que julgue merecê-la?

Todas as circunstâncias que a nossos olhos nos erguem acima do Pobre, são meramente accidentais. A riqueza é o nosso merecimento, e raramente podemos reclamar outro, a não ser o uso que dela fizermos. Qual de nós se atreverá a reclamá-lo? Quem haverá tão cego que ouse dizer a Deus ou aos homens: «Fiz todo o bem possível, e evitei todo o mal que pude?» Qual de nós não é réu de uma destas duas grandes faltas: ter feito verter alguma lágrima, ou não a ter enxugado?

«O visitador dos Pobres»
— de Conceição Arenal

PARTILHA — Cem euros da assinante 11856, do Porto, que «agradece quarenta palavras da oferta que enviou para os nossos Pobres. Continua pedindo orações pelos entes queridos... Agradeço também a gentileza de me enviardes o documento que mandamos».

A assinante 14493, do Porto, presente com 1550 «referentes ao mês de Agosto», com a amizade de sempre.

De Fiães (Feira) um cheque de 130 euros «para ajudar nas despesas da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Mais um pouco para medicamentos de um velhinho».

Cheque da assinante 43689, de Monte Estoril.

Cheque da Caixa Geral de Depósitos. «A importância é tão pequena que só juntando a outras poderia remediar pequena falta. Lembro meu marido e meu sogro».

Um cheque de 110 euros, da assinante 20853, do Porto: «Gostaria de ser mais generosa. Os meus 94 anos obrigam-me também a muita despesa — e vivo numa reforma».

470 euros da assinante 31104, de Lisboa. «O valor do cheque com o mesmo amor de sempre, pedindo que rezem por mim» — disse.

Paço de Arcos: «A esposa do assinante 26049, de Paço de Arcos, pede que aceitem a importância que enviamos e a utilizem como melhor entenderem. Corresponde àquela 'contribuição' autárquica que nos propiciamos pagar quando pretendemos ajudar nas casas dos nossos filhos. Em princípio pedia que a destinassem ao Património dos Pobres ou à Autoconstrução. Mas V. sabem melhor como empregá-la. Eu procuro apenas cumprir o que leio n'O GAIATO: Não podemos guardar só para nós a riqueza dos dons recebidos, antes devemos partilhá-los... É um dever. Mulher do assinante 26049».

«Sou uma assinante, há muitos anos, do jornal O GAIATO.

Primeiro, era o meu Pai e agora ficou em meu nome, há quase dez anos.

Sou uma leitora assídua do Jornal que leio e releio com muito prazer.

Escrevi já muitas vezes para aí e sempre que posso envio donativos segundo as minhas possibilidades.

Porém, apesar de pedir para indicarem no Jornal, não tenho visto nada.

Como sempre, peço anonimato e não preciso de recibo. Apenas agradecia uma referência no Jornal. De uma Maria que muito ama a vossa Obra».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

FÉRIAS — Estão a acabar. Os rapazes que estiveram de férias já regressaram todos.

ESCOLA — Já se ouve falar na Escola. Temos recebido muitos telefonemas a oferecer livros escolares. Deixamos desde já o nosso obrigado pela ajuda que nos têm dado.

OBRAS — Os nossos rapazes estão a pintar o muro que rodeia a nossa Casa. Também está a ser construído o novo parque, que fica mesmo ao lado do refeitório.

VOLUNTÁRIOS — O Peixoto, o Pedro, a Sofia, o Tiago, a Cátia e a Tatiana são um grupo de jovens que deram quinze dias das suas férias para estar com os rapazes, mas, principalmente, com os «Bata-tinhas». Queremos dizer-lhes o nosso muito obrigado. Também agradecemos ao grupo que esteve connosco, outros quinze dias, antes deste.

Abílio Pequeno

SETÚBAL

ARRÁBIDA — Estivemos a fazer as limpezas. Começamos por limpar os quartos que os rapazes utilizaram durante as férias. O Júlio e o Bruno

cuidaram do arranjo dos móveis e das janelas da casa que tinham vidros partidos. Uns partiram com brincadeiras, outros com o vento que costuma fazer na Arrábida.

A mim coube-me limpar o chão do refeitório e as casas de banho dos quartos. Nas horas vagas umas vezes fãmos jogar a bola, outras ver televisão. Custou um pouco mas gostei de estar nas limpezas.

AULAS — Já começaram. Os nossos rapazes estudam em várias escolas de Setúbal. Uns, no ensino profissional; outros, no regular. Eu vou para a escola de Bocage, para o sexto ano. Estou com vontade de estudar e quero ver se chego ao nono ano.

Carlos Miguel

OFICINAS — O Daniel foi aprender serralharia, de onde saiu o «Cowboy» que foi para as obras juntamente com o Tiago. O Ibraime e o «Nininhinhas» foram para a carpintaria, de onde saiu o «Monchique». Esperamos que se façam bons artistas.

VIDEIRAS — O tio Zé, o Sérgio e o «Nininhinhas», andaram a pôr arames e estacas para elas crescerem e não partirem. Para o ano esperamos ter boas uvas para comermos à mesa, pois são uvas de mesa.

RAPAZ NOVO — Veio para cá o António, de Miranda do Corvo. Gosta de andar de bicicleta e de jogar a bola. Às vezes, também brinca connosco ao camone.

VINDIMA — Fizemo-la ainda nas férias. Foram quase todos os rapazes vindimar. Como choveu dois dias antes, as uvas ficaram melhores. É um trabalho que gostamos de fazer.

Danilo Vezo

Canções Pop!...

Quando eu era pequeno
Interessava-me imenso
Por canções!...

Canções que despertavam
Em mim
Sonhos e fantasias!...

Canções que alimentavam
O meu ego
E as minhas utopias!...

Ouvia-as com admiração!
Ainda hoje
Acontece-me o mesmo:

Ao ouvi-las de certo
Entro no meu mundo
Da ficção!...

Tal como um velho
Sem companhia nem alegrias
Se senta, entorpecido,

Num banco de jardim
Para sentir o ambiente
Das puras emoções!...

É através das canções...
Que me redescubro
E me reconheço!

Tal como um novelista
Que através das suas confissões
Escreve autobiografias!...

Ainda hoje
Que já sou homem
Gosto de canções pop

Pois fazem parte da vida
Por todos nós vivida!

Manuel Amândio

RETALHOS DE VIDA

Fábio III

Eu sou o Fábio Filipe Miranda Costa, mais conhecido por Fábio III. Nasci no dia 17 de Novembro de 1990, em Vila Franca de Xira.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa em 2000. Morava em Vialonga com os meus pais e com os meus irmãos.

O meu pai e a minha mãe trabalhavam fora de casa. Eu ia à escola de vez em quando, outros dias brincava.

Roubava dinheiro à minha mãe para comprar doces. Agora, estou nesta Casa, ando no terceiro ano e gosto de andar na escola. Gosto de trabalhar em Matemática, e faço sempre os deveres. De vez em quando passeio com os professores.

De tarde, trabalho a varrer e, às vezes, apanho papéis. Depois da merenda, vou para o estudo. À noite rezamos o Terço, jantamos e, depois, vou para a cama lavar a loiça e limpar os pratos. Vou para a cama às 10,30 horas.

Quando for grande quero ser padeiro porque na padaria há muito pão.

Fábio Costa



PAÇO DE SOUSA

VISITA ANUAL DA «JANOTA» — Não podemos deixar de mencionar a visita anual de Valbom (aqui conhecida como da Janota), que é costume noticiarmos e este ano passou... Desculpem e cá os esperamos sempre.

FÉRIAS — O terceiro turno regressou à base. Dizem que tiveram um bom turno. Todos tivemos boas férias e, para o ano, esperamos que sejam tão boas como estas.

ESCOLA — Os rapazes estão ansiosos pelo início das aulas. Querem ter boas notas. Pois claro, querem ser alguém na vida, têm que estudar muito.

FUTEBOL — Os rapazes esperam o início da nova época. Todos gostam de futebol, apesar de ser um negócio. Mas jogar a bola, fazer saltar a redondinha, isso é que é bom. E a época está a começar.

Hugo Santos

Cartas

Presente

«Penalizo-me diante de Deus por ser tão desleixado em deixar passar tempo sem que convosco comungue o meu pensar e querer, o de partilhar e dizer: presente. Mas procuro ler, e faço-o com vontade, o Jornal, a minha Bíblia.

Junto cheque com que desejo contribuir para a assinatura do Jornal e do segundo volume do livro 'Calvário', outra Bíblia.

Assinante 21089»

África

«Antes de mais quero pedir imensa desculpa de o não ter feito há mais tempo, mas, a falta de (tempo), a isso me obrigou. Depois quero agradecer a gentileza do envio do livro 'Calvário', que recepcionei em 21 de Janeiro último — o tempo que passou! — e de como fiquei satisfeito em recebê-lo. Um livro, para mim, como O GAIATO, é um Amigo. Mas um livro da vossa Casa e escrito com gente da Casa cala fundo em mim. Aprecio a Obra da Rua, comungo convosco as alegrias e tristezas do dia-a-dia. Tristezas quando, nomeadamente, em Angola, não podiam chegar aonde o vosso coração pretende abarcar

— todo o povo sofrendo... Tristeza, ainda, quando se fazem eco das injustiças da 'Justiça'. Andam bem em pôr a nu estas incongruentes sentenças desnudadas de Amor, que as Crianças sentem na vossa Casa e no seio da vossa Família. Não fazem nem deixam fazer, como diz o Povo. Que pena! E as Crianças, os Rapazes, a Sociedade é que pagam estas decisões de gabinete. Por vezes, com muito atraso, leio O GAIATO de fio a pavio, até no autocarro, bem como os livros da vossa autoria. Mas que bela leitura. Como ela aviva o sentido da justiça; como ela denuncia os atropelos à Justiça.

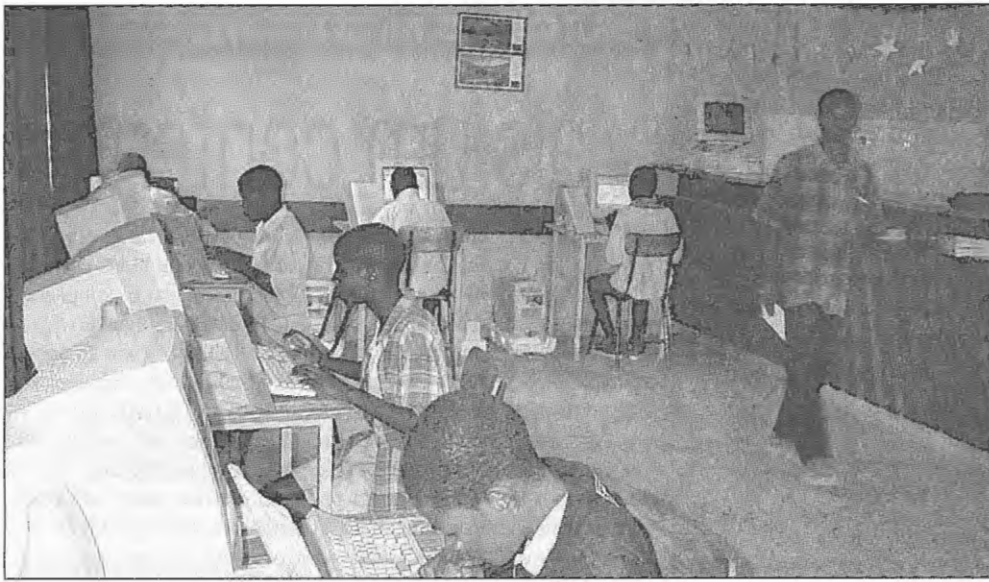
Que neste pedaço continental bem como nos países africanos que falam o português — Angola e Moçambique — aonde estão a desenvolver obra evangélica assinalável, o Senhor os ajude a continuar o rumo traçado por Pai Américo e, naturalmente, imprimindo um cunho pessoal de todos e cada um de vós.

Não precisam agradecer nem publicar porque o cheque será descontado. Todavia, se assim o entenderem, poderão mandar o recibo que se abate no IRS.

Assinante 50343»

Obrigação de partilhar

«Primeiramente as minhas desculpas de só agora vir 'pagar' O GAIATO. Faz-me tão bem a sua leitura! É, muitas vezes, o



Sector informático de Benguela

Partilha

COMO o nosso Padre Manuel António deveria viajar a Portugal, a Obra precisava de mim para servir a Casa de Benguela. «Parei» em Luanda onde tive dois dias de Retiro pessoal. Foi um tempo de graça. Foi um tempo de silêncio, de escuta, de diálogo e de reflexão sobre a palavra de Deus e suas exigências.

O Retiro fez-me bem. Parti livre e disponível para Benguela. Estava animado, embora estivesse cheio de febre.

Na nossa vida cheia de muitas preocupações, dos rapazes e da Casa, resta-nos pouco tempo para programarmos Retiros pessoais. Uma oportunidade destas é necessária na nossa vida. Faz bem à nossa vida espiritual. Estar com Deus serena-nos, faz-nos sentir renascidos e cheios de Força e dá-nos coragem para continuarmos a caminhada; sobretudo dá-nos a alegria e a paz interior de que tanto precisamos na nossa vida.

É verdade que no silêncio e na oração encontramos um Deus exigente, pois Ele questiona-nos, interpela-nos e faz-nos entrar no mais profundo do nosso coração. Mas, é dom e graça sermos movidos por Deus, mesmo quando Ele nos exige que demos o nosso melhor. Deus chama-nos a sermos mais generosos, a doarmos-nos totalmente.

É no tempo do Retiro que se travam dentro de nós grandes esforços para o nosso crescimento espiritual e humano. Jesus chama-nos a doarmos-nos mais «a quem muito se dá, muito se exige». Se podemos dar mais, se temos capacidade para mais, temos que lutar para alcançar esses objectivos sobretudo na dimensão espiritual, no crescimento e na luta do dia-a-dia pelo melhor. Na oração a gente descobre que há sempre uma caminho de perfeição a percorrer.

Já estou em Benguela. Encontrei os rapazes animados e cheios de vida. É próprio do nosso espírito de Obra. Encontrei muita coisa nova: o campo de basquetebol e de futebol de salão e as salas de jogo. Os rapazes estão mais crescidos e responsáveis.

Padre Custódio

Malanje

Sementes

HÁ três anos que estamos realizando o projecto de produção de sementes: Semente de milho, estacas de mandioca e rama de batata-doce.

A ONG (Visão Mundial) entrega-nos sementes seleccionadas, nós multiplicamos e entregamos por uma justa retribuição. Na altura das sementeiras a Visão Mundial dá, gratuitamente, aos agricultores e camponeses para produzirem e, assim, melhorarem a sua alimentação.

Este ano entregámos alguns milhares de estacas de mandioca e trinta e duas toneladas de milho. Esta semente de milho é já o produto de um estudo e selecção com melhoria do poder nutritivo.

A ONG, o PAM, reconheceu a utilidade deste projecto e tem-nos dado uma ajuda para a alimentação dos nossos trabalhadores.

Projecto bem simples e prático... Estamos esperando, para continuação e incremento do mesmo, um tractor prometido pelo

grupo de «Lions» de Felgueiras.

Sementes, charruas, enxada e mais incentivos para o trabalho... Os barcos a descarregarem milho nos Portos de Luanda e Lobito são a maior vergonha nacional.

Todos os anos temos feito com o nosso velho Ford (oferecido pelas Filhas de S. José, para tal fim) algumas lavras para as aldeias. Este ano foi a vez de Cacimbele e Camassesse: lavragem, gradagem e abertura de mibangas (camalhães). É nos lombos destes que os camponeses enterram as estacas de mandioca. Facilmente saem os rebentos, crescem e o chão começa a abrir-se em fendas que são promessa de fertilidade. Raízes grossas podem dar fuba, farinha torrada, tapioca, bolos, croquetes... Enfim, um livro com cem receitas que a nossa Irmã Quitéria me ofereceu, há dias.

Quem fala de fome? Com a paz, somente, caberá na nossa inércia, incapacidade e preguiça.

Esperança

Estou olhando ao longe
E cada folha
E haste de capim!
Olhando como quem sonha,
Mãos — assim
— Como quem reza

PÃO DE VIDA

Festas aos Santos?

«Sede sempre alegres.»
(1 Ts 5, 16)

NÃO é demais a denúncia de uma onda que preocupa os pastores das comunidades e cristãos conscientes, deixando muitos corações perturbados. Em maré alta das festas, ditas religiosas, aos santos e santas canonizados pela Igreja, escasseiam as vozes claras e uma acção pastoral concertada sobre um fenómeno que envolve o povo de Deus, de forma infeliz. Numa voz eclesial dos mais pobres, urge proclamar que não é este o caminho para a formação de verdadeiras comunidades de discípulos e discípulas de Jesus.

No ano litúrgico, as festas em honra dos santos são motivos para demasiados atropelos da vida eclesial e atitudes anti-cristãs. É complexa a teia que se prende a estes acontecimentos superficiais e as pressões são fortes, com perdas notórias no anúncio do Evangelho.

Enquanto os fogos queimam os nossos pulmões e os jovens são destruídos pelas dependências, sucedem-se os cartazes festivos, decorados com patronos e artistas, à mistura... Os santos são apêndices de festas paginizadas. As comissões esfalfam-se para conseguir milhares que suportam, depois, o barulho distribuído, obrigatoriamente, a quem vive e sobrevive nas redondezas dos arraiais. Contrata-se muito foguetório e músicas

estridentes para atrair devotos incautos e jovens sem sentido para a vida. Não faltam, ainda, as comezainas esbanjadoras e embriagadas. São Paulo vergastou aqueles que desrespeitavam a Ceia do Senhor, quando havia irmãos com fome: «*Quereis envergonhar aqueles que nada têm?*» (1 Cor 11,22). Deixou-nos, com a sua correcção, o documento eucarístico mais antigo da Escritura.

Onde está a saudável dimensão festiva da vida cristã? Confinam-se ao templo (pois até os adros são devassados) e às procissões, de cristandade... O resto é ruído, em concorrência desmiolada. As licenças eclesiais não contemplam a folia indecorosa.

Jesus chorou, naquele tempo, pela morte de um amigo. E, hoje, também correm lágrimas com o aproveitamento erróneo dos nossos amigos do Céu, incomodados com tamanha confusão e falta de silêncio.

Na cristianização do nosso território, os deuses pagãos foram substituídos, nas ermidas e capelas, pelos bem-aventurados de que ficou memória eterna para nosso exemplo. Há, ainda, o sentido bíblico da caminhada e para o Alto, ao encontro do Santo dos santos, que se há-de fazer também com a tradição religiosa, limpa de pó acumulado.

Não haverá maneira de separar as águas e despoluir o veio eclesial, contaminado? A experiência ensina-

-nos e acreditamos que é possível canalizar as energias motoras e espirituais do povo de Deus para algo de mais consistente na fé e na caridade: «*A fé que actua pela caridade*» (Gl 5,6). A festa religiosa seria um momento grande de renovação da esperança cristã, no encontro comunitário e pessoal, pela adoração de Deus vivo e oração, com a reconciliação e a catequese preparatória. E, ainda, no acolhimento aos rejeitados e últimos, como avisa Jesus: «*Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos*» (Lc 14,13).

Será que fazemos o que o Senhor nos diz, como alerta sua Mãe, nas bodas de Caná? Não tenhamos medo de apear os falsos deuses e bezerros de ouro, que se apoderaram dos santuários, antes que os corações e as igrejas fiquem mais vazios e sem guias espirituais, neste tempo de esperada ligação ao Deus verdadeiro, da alegria e da vida!

Padre Manuel Mendes

NOTA DA DIRECÇÃO
— O nosso Padre Manuel Mendes, após vários anos de actividade ao serviço da Diocese do Porto, veio, finalmente, mergulhar no caminho específico da sua opção pastoral — a Obra da Rua — e começou no Calvário, dando a mão ao Padre Baptista. Pastor nesta zona, sofre o contra-senso do que escreve. Também nós.

Uma coisa é ser cristão de fachada. Outra é ser de vida!

Benguela

Continuação da página 1

O problema da habitação está ligado a muitos outros de ordem social. Quantos filhos da rua nascem da falta de um lar condigno!? Tocamos neste assunto porque o sentimos mais de perto. Ao pensar no futuro dos filhos que estão connosco também está presente o lar digno que desejamos para

eles. Quem nos dera não voltassem mais para a rua! É um projecto lindo, grande, mas muito exigente também, de parte a parte.

Estou a escrever da nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Por algum tempo buscarei repouso e os cuidados de saúde. Tive a alegria de visitar as moradias de filhos da nossa Casa, onde vivem felizes com suas esposas e filhos. É o projecto da Casa do Gaiato levado até ao fim. Queremos estendê-lo a todas as famílias.

Padre Manuel António

conforto para as atribulações e angústias que me assaltam, que nada são comparadas com as que leio no nosso Jornalinho.

Envio um cheque. As migalhas que vão a mais gostaria fossem para o Calvário, para mitigar alguma dor das muitas que lá existem. Que Jesus abençoe a Obra do Pai Américo, abençoe aqueles que a perpetuam e nós, aqueles que temos a obrigação de partilhar, o façamos com os olhos em Deus.

Assinante 70152»

Bodas de ouro

«No dia em que o nosso casal celebra as bodas de ouro matrimoniais (uma vida de amor em doação mútua!) vimos compartilhar a nossa alegria e felicidade com a Obra da Rua que tanto amamos.

Como de costume trata-se de uma oferta anónima.

Um Leitor»

Calvário

Continuação da página 1

Ora, quem vive em contacto permanente com os mais pobres e simples recebe lições espontâneas e frequentes de entrega e doação verdadeiras.

O Manuel Moço, rapaz com trissomia vinte e um, vomitou a refeição toda. O Carlos, também ele com igual patologia, apressa-se a limpar. Refila alto com o doente, mas de joelhos faz a limpeza precisa, remedeia os estragos e depois sorri.

Vou tentando aprender a colocar-me também de joelhos diante dos mais fracos e a colher as lições que eles vão dando.

Padre Baptista

Atento aos pássaros
Que cantam
E ao murmúrio suave
Das palmeiras!
Sentindo dor
Por tantos e tantos!
Que só têm milho
Para assar
E assado,
Mastigam devagar...
Vive a esperança
Em cada gesto
Em cada haste
Em cada flor!
Um dia iremos
Tu e eu
Caminhar
Sem passos vacilantes
E com certezas
— Olhar
O azul do céu!

Padre Telmo

Praticando o bem

Continuação da página 1

Também eu me animei com os meninos e o peso da viagem aliviou-se.

Chegados a Casa, ao fechar da noite, sentámo-nos à mesa para jantar. O António, os três e eu.

A sala é enorme. Nós ocupámos só uma mesa, mas elas são vinte e quatro. Nem estávamos no meio nem num canto.

Servi-lhes a sopa e comecei a pôr as primeiras colheradas na boca.

Só o António comia. Os três entreolhavam-se, estranhos. Ao Manuel, o do meio, arrasaram-se-lhe os olhos de lágrimas, e começou a soluçar. O mal pegou-se. Os três entraram em pranto.

O dores!... A comida perdeu o sabor. Eu comi porque tinha mesmo de me alimentar. Sabes, Leitor, o que é comer lágrimas? — Com elas regámos o nosso jantar.

Aconcheguei-os, beijei-os, afaguei-os. Mas nada os consolava.

Era a vastidão da sala, o negrume da noite, a solidão do lugar, mas muito mais a falta da mãe!...

Também a mim me apetecia gritar. A mãe, quando o é, pesa em nós, mais que tudo! Nada preenche a sua ausência.

Noite dolorosa me esperava. Nem o repouso da cama me sossegou o espírito.

Os meninos dormiram juntos! Encostámos as camas.

D. Adelaide que os acompanhou também se envolveu na perturbação e nas lágrimas.

Cada dia, sua fuga.

Por mais que os acompanhassem, a sedução da mãe era imparável.

O António pô-los a andar de bicicleta. Jogou com eles a bola. Levou-os para a piscina. Divertiu-os o mais possível!

O Manuel conduzia a caravana e arrastava os irmãos.

Fugir era o sentimento que o dominava.

A Missa, ao meio dia, no Domingo com as minhas naturais preocupações de quem preside e prepara, mais uma distração do António, deram-lhe azo a irem ter com os bombeiros de Cête contando uma história inverosímil cuja falsidade qualquer pessoa sensata percebe imediatamente.

Mas os bombeiros de Cête brilharam!...

Chamaram jornalistas e repórteres! Fizeram alarido!

Como se a fuga da Casa do Gaiato

não fosse um acontecimento normal!...

Claro que, com a minha chegada, as crianças voltaram para nossa Casa.

Se isto fosse um colégio de *reinserção*(?) — como é que se diz? — Mas uma casa de família, com portões abertos, como é a nossa Aldeia, que admira que um vadio fuja?

Não é a fuga uma cura apropriada?

Não fazem elas parte da nossa cruz e da nossa pedagogia?

Os nossos vizinhos não sabem isto há muitos anos?

A quem mais doeu foi à mãe.

Alertada pela «nacional notícia» telefonou três vezes!

Os vizinhos e conterrâneos aproveitaram para a enxovalharem e, até o próprio mundo, o grande culpado da desgraça dos filhos, a ameaçou de morte obrigando-a a pensar transferir-se para lugar incerto.

Ao que os Pobres estão sujeitos!

E isto em nome de direitos das crianças, de informação, dos Pobres e de... hipocrisia!...

Podem estar descansadas as forças que jogam neste xadrez.

Não temos medo!

Sabemos o que fazemos, e em Quem confiamos!

Bater-nos-emos até ao fim pelo Senhor presente nos Pobres!

Padre Acílio

MOÇAMBIQUE

Mais um contentor

CHEGOU mais um contentor, expedido da nossa Casa de Paço de Sousa, com a participação de todas e um dia cansativo para o nosso Quim Carpinteiro e companheiros, para o recheio com quase tudo o que havia para mandar.

Avulta nele um moinho e misturador de ração para os nossos animais, uma vez que estamos com as pocilgas em acabamento e antes do fim do ano iniciaremos a exploração a partir de dez matrizes. Mas a capacidade vai às noventa. É grande e até ousada, uma vez que se propagou por todo o lado a peste suína africana. Por via disso e após ter batido à nossa porta vai em dois anos, as instalações actuais além de funcionais e higiénicas, estão protegidas do risco da intromissão de alguém que não sejam os tratadores.

Além de escola para criadores, pretendemos que seja uma fonte de rendimento assegurado, tão difícil de obter, como necessário à vida desta Casa. Para isso, vai em Setembro o nosso técnico agrícola, Gabriel, estagiar numa exploração de grandes dimensões de um irmão de amigo nosso em Rio Maior, a fim de ficar mais capacitado na gestão.

Há muito que procuramos fontes de rendimento na nossa lavoura que, além de assegurar a formação profissional na agro-pecuária, ultrapassem as necessidades normais de alimentação dos rapazes e de quantos dependem de nós e não mais um modo de empobrecer alegremente.

Tem havido anos sucessivos de desaire ao estabelecer metas de produção. Não podemos nem queremos deixar de confiar na Providência amorosa de Deus que tem sido desde sempre a nossa segurança, através de numerosos Amigos, que se tornam presentes na oração diária. Mas temos de comprovar aos rapazes, que na sua terra e por muito tempo ainda, aqueles que escolherem a agricultura, esta desde que bem gerida, lhes garante o seu futuro.

Até hoje, só as hortícolas, o girassol e o gado de corte não deram prejuízo. Mas em culturas extensas, como no milho e no feijão, ainda não atingimos o possível. Os custos de água, energia, adubos e diesel são muito elevados. A baixa produtividade das sementes, a irregularidade do clima, constituem entraves que procuramos ultrapassar. Resta-nos, por vezes, a consolação de não medirmos o salário dos nossos trabalhadores pelo mínimo, mas pelo dobro do nacional, a vantagem de eles e os nossos rapazes se profissionalizarem como agricultores e a mais valia para o nosso consumo, uma vez que, se temos de adquirir os produtos, pagamos o dobro do preço que recebemos, ao vender os excedentes.

Ainda neste contentor vieram um gerador potente para o campo, duas bombas de rega e um transformador. Instrumentos da maior importância, dada a dificuldade de encontrar qualquer deles no mercado local e os prejuízos que os cortes de corrente, por vezes diários e prolongados, causam, são irrecuperáveis. E não adianta reclamar a quem nos cobra de consumo de energia mais de mil e quinhentos dólares por mês.

A gente também se consome com tudo isso. Mas Deus é grande e nos damos felizes àqueles que tanto precisam do saber de experiências feitas, para alcançarem uma vida mais digna.

Padre José Maria

ENCONTROS EM LISBOA

Eleições

NO dia anunciado e à hora marcada deu-se o sinal. A assembleia eleitoral constituída por noventa e oito eleitores (tantos são os que reúnem as condições: catorze anos feitos, mais de um ano de Casa e saber ler e escrever) reuniu. Verificou-se que faltavam oito por razões apresentadas e três de que não sabíamos as razões. Depois de breve introdução e um momento de oração, cada um, em silêncio, escreveu um nome. Estava em causa a eleição do Chefe da Casa. Os votos foram contados e o Tiago Reis foi eleito para o ano 2002/2003. Foi renhida a votação. Só ao fim do quarto escrutínio houve fumo branco. À saída estavam vários, dos mais pe-

quenos, querendo saber o resultado.

Este o relato sintético de um acto não só importante, mas estruturante da pedagogia corrente nas nossas Casas. Realizou-se no dia 7 de Setembro de 2002, às 18 horas.

Já é, pelo menos, a décima segunda vez que participo neste acto. Não consigo estar presente sem sentir aquele friozinho que nos passa pela coluna diante de tanta maravilha. Os nossos rapazes, de forma responsável, a procurar as soluções para a sua vida, dando seguimento à intuição confiante do fundador Pai Américo. O lema «Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes» não é letra morta, mas é vida...

A Palavra de Deus surpreende-nos porque aparece no momento exacto a iluminar os nossos caminhos. Acontece que no Domingo, dia 8 de Setembro, o Evangelho falava da correcção fraterna... «Se o teu irmão... vai a sós e corrige-o... Se não te escutar comunica à assembleia». Só quem está numa Casa do Gaiato se apercebe da realidade que é esta correcção fraterna que consegue fazer verdadeiros milagres. Ela tem a força do Evangelho e é à dimensão do rapaz.

Depois de eleito o chefe maior, vem a escolha dos chefes das diferentes casas, a distribuição das obrigações com os seus responsáveis à frente... Tudo isto realizado por eles com seriedade e empenho, para que tudo corra bem na Casa que é deles. Não são precisos estranhos, por mais diplomados que sejam. Não são precisos vigilantes, porque eles são capazes de guardar a «vinha» que é deles; não são precisos educadores, porque eles são

zelosos na correcção dos outros, porque é uma educação nascida na experiência feita de sofrimento, mas também de êxito ao olharem o caminho andado.

Dá gosto trabalhar assim neste mundo onde não há carreirismo, nem autoridades exógenas, mas tudo se passa no mundo de irmãos que crescem e se corrigem, se perdoam e em conjunto vão sonhando dias do amanhã.

Estamos certos que Deus caminhará connosco, por vezes escondido, mas vendo os Seus filhos, de forma responsável, a encontrar os caminhos da vida.

Padre Manuel Cristóvão

PENSAMENTO

É uma coisa nova na maneira de construir. Aboliu-se o clássico casarão. Aparecem casas apetitosas, sóbrias, elegantes. É uma nova concepção de educar. Aboliu-se o velho sistema. Rasgou-se o véu da Cruz.

PAI AMÉRICO

Notas do Tempo

Continuação da página 1

mais fraterno. Daí que as duas virtudes constituíssem o seu código deontológico de jornalista e o seu jornal tenha sido sempre um lugar de *correção fraterna* em que a abjeção do erro coexiste com a diligência e a esperança de acerto da parte do errante.

«Felizes os pés dos mensageiros que *evangelizam a paz*», isto é, são portadores de boas notícias — reza a Escritura. E apesar das muitas e más que há por esse mundo, também há boas e saudáveis para as quais raramente se acha tempo e lugar para as dar à luz. Que bom que o jornalismo-concorrência, o jornalismo-espectáculo, dessem lugar a uma postura sóbria de quem se assume num posto privilegiado para servir o Bem-Comum, informando com verdade e recta intenção — o que por si constitui um instrumento validíssimo de formação para o homem membro de uma sociedade cuja perfeição deve ser objectivo permanente e comum a todos os que professam o jornalismo.

Padre Carlos

SETÚBAL

Iluminar os caminhos da vida

A Comunidade estivera reunida na Celebração da Eucaristia. No final, um dos rapazes veio dizer-me que outro durante a Missa, estivera a gravar o nome no banco da Capela.

Estas revelações, se por vezes são momentos edificantes, como quando um rapaz presta contas das suas responsabilidades, noutros casos são palavras que ferem a nossa sensibilidade e a hombridade de quem as profere.

A Palavra de Deus nesse Domingo, chamava-nos à obrigação de nos interessarmos, com caridade, pelos outros. Deixarmos o individualismo para que nos conduzem as mentalidades correntes, e sentirmo-nos obrigados a dedicarmo-nos ao bem dos outros. A indiferença, que domina a vida dos habitantes das nossas cidades, resulta do individualismo, e não ajuda a encontrar caminhos de salvação.

Estava a sair da Capela. Não podia deixar de ver no gesto do José, a aplicação da nossa meditação, embora saiba como são estes escorregadios terrenos.

À Missa seguiu-se o pequeno-almoço. No final deste, o chefe perguntou quem é que estivera a escrever o próprio nome no banco

da Capela; propositadamente sem mencionar nomes.

De imediato o braço do Fábio se levantou. O culpado acusava-se; consciência e vontade unidas, e despertadas na verdade. Tudo espontaneidade. Uma grandeza de alma que nos elevou.

Para quem se acusa assim não devia haver castigo. Este existe para conduzir do erro à verdade.

«Somos a seara imensa do trigo e do joio», dizia Pai Américo. Cresce o trigo; cresce o joio. Precisamos de dar oportunidade para que o trigo cresça mais, e mais forte.

Temos casos de rapazes que depois de cometida uma asneira, são capazes de se virem acusar, dando-lhes nós em troca, palavras que iluminam e incentivam ao bem. Outras situações há no sentido oposto, em que lutam com todas as forças para não serem as suas faltas descobertas, a precisarem de ajuda na descoberta da alegria de um coração recto.

Na vida há muitos caminhos para percorrer, mas nem todos são de vida. O Profeta diz-nos que seremos chamados para prestar contas do nosso empenho fraterno. Iluminar os caminhos de Vida, é, pois, nossa obrigação.

Padre Júlio